**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**

**ÁREA DE CONCENTRAÇÃO I – TEORIA E PESQUISA EM COMUNICAÇÃO**

**LINHA DE PESQUISA I - EPISTEMOLOGIA, TEORIA E METODOLOGIA DA COMUNICAÇÃO**

**QUANDO O CAMPO É A NOVELA: UMA PROPOSTA ANTROPOLÓGICA PARA A PESQUISA EM COMUNICAÇÃO**

#### PROJETO DE DOUTORADO

**SÃO PAULO**

**OUTUBRO - 2017**

**Quando o campo é a novela: Uma proposta antropológica para a pesquisa em Comunicação**

Este é um trabalho sobre telenovela que, em última instância, busca estabelecer um maior diálogo entre a Comunicação e a Antropologia. Com o pressuposto de que o olhar antropológico pode iluminar novos caminhos para os estudos dos meios, esta pesquisa tem como principal objetivo desenvolver um guia teórico-metodológico capaz de pensar a novela como campo e, com isso, adensar a pesquisa em Comunicação.

Palavras-chave: Telenovela; Antropologia; Comunicação.

1. **Introdução**

Dentre todos os produtos que constituem o leque da produção televisiva brasileira, a telenovela é, sem dúvida, o gênero de maior destaque. Juntamente com o futebol, ela vem se consolidando, ao longo das últimas décadas, como símbolo da paixão dos brasileiros. Com uma narrativa nacional, popular e artística, que orienta o consumo e inspira novas formações de identidade, a telenovela acaba marcando presença na vida das pessoas – mesmo daquelas que não a assistem – na medida em que cria certa pauta reguladora das intersecções entre vida pública e privada. Sempre “vendendo” sonhos e produtos, é possível encontrar discussões acerca de seus enredos em páginas de jornais e revistas de todo o país, além de programas de televisão que se especializam no assunto. O fenômeno é tão grande que o gênero é considerado por muitos[[1]](#footnote-2) como fonte privilegiada para o exame da cultura e da sociedade contemporânea.

No que se refere ao seu estudo, porém, a grande maioria das pesquisas desenvolvidas dá enfoque às representações de classes ou gêneros realizadas em dada novela, a recepção que dela é feita ou até mesmo a influência que exerce sobre determinado grupo social[[2]](#footnote-3). Além do mais, não é preciso fazermos uma densa varredura bibliográfica para percebermos as dificuldades teórico-metodológicas enfrentadas no campo da Comunicação quando o assunto é teleficção[[3]](#footnote-4).

Na tentativa de explorar de maneira mais aprofundada um assunto que vem me acompanhando desde minha graduação em Comunicação Social[[4]](#footnote-5), este é um trabalho sobre telenovela que, em última instância, busca estabelecer um maior diálogo entre a Comunicação e a Antropologia. Com o pressuposto de que um estudo sobre telenovela não deixa de ser um observatório sobre a sociedade brasileira, a presente pesquisa tem como principal objetivo iluminar questões teórico-metodológicas próprias das Ciências Sociais – em especial da Antropologia – que possam vir a ajudar a desenvolver o campo da pesquisa em Comunicação.

Vindo eu já com uma bagagem de estudos sobre o tema, a escolha pelo doutorado em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo se deu muito em função de meu interesse em aprofundar meu conhecimento em telenovela. Afinal, além de a Instituição ser referência nos estudos de ficção – contando com grandes nomes na área, como Maria ImmacolataVassallo de Lopes e Esther Hamburger, e também com um Núcleo de Pesquisa em Telenovela (NPTN) – a Escola de Comunicação e Artes (ECA-USP) ainda possui uma Linha de Pesquisa voltada para a reflexão epistemológica e metodológica do campo comunicacional.

Nesse sentido, em confluência com o Programa[[5]](#footnote-6) aqui escolhido – e, principalmente, com a Linha de Pesquisa pleiteada[[6]](#footnote-7) – o presente projeto tem como preocupação o desenvolvimento de uma proposta metodológica para o estudo em telenovela, por meio de uma perspectiva inter e transdisciplinar. Para tanto, tomando a telenovela como campo onde se é possível pensar a própria sociedade brasileira[[7]](#footnote-8), minha ideia é – a partir de alguns pressupostos epistemológicos da Escola de Manchester, e também de alguns debates já iniciados por antropólogos da mídia – estabelecer um diálogo que seja capaz de adensar a pesquisa em Comunicação.

Sendo assim, visando (re)pensar acerca das potencialidades de um estudo dos meios, a pergunta que, então, me impulsiona é: Como a Antropologia poderá ajudar a lançar novos olhares para a pesquisa em telenovela?

**2. Objeto**

Não é de hoje que a telenovela vem despertando o interesse da Academia, em função da dimensão que o formato tem frente à sociedade brasileira. Com um referente universal que retrata e influencia comportamentos, esse gênero televisivo acaba se fazendo presente na vida de milhares de brasileiros,que diariamente assistem, num mesmo horário, o desenrolar de seus episódios (LOPES, 2002).

 Geralmente pautadas por narrativas realistas e com forte apelo nacional, que dialogam com assuntos cotidianos do telespectador, as novelas desempenham um papel de destaque para a compreensão dos fenômenos urbanos contemporâneos em nossa sociedade, na medida em que – mais do que somente vistas – elas são comentadas e vividas por seus telespectadores, que criam um interminável repertório oral, e lhe conferem um caráter mobilizador, capaz de fomentar debates acerca da cultura, da sociedade brasileira ou mesmo da identidade nacional (LOPES, 2002).

 Indo além dos limites do entretenimento e da distração, pensar a telenovela é, de certa forma, considerar também acerca do lugar social ocupado pela própria televisão, enquanto espaço de produção e divulgação cultural (MALCHER, 2002). Na tentativa, então, de fomentar o debate e a produção acadêmica sobre o tema, a presente pesquisa se propõe a explorar a novela como um campo de observação etnográfica capaz de nos fazer apontar possíveis articulações entre ficção e realidade social[[8]](#footnote-9), produção e recepção, autores e audiência, e com isso adensar a pesquisa no âmbito da Comunicação.

 Sabemos que vários são os trabalhos acadêmicos sobre telenovela desenvolvidos no âmbito da pesquisa em Comunicação, porém poucas ainda são as investigações que se preocupam em desenvolver a área de concentração mais voltada às questões epistemológicas e propostas metodológicas desse fenômeno comunicacional em específico, afinal, a maior parte das pesquisas desenvolvidas sobre o assunto volta seu olhar para estudos de representações – geralmente de gênero e classe – de recepção, ou mesmo da influência exercida sobre determinado grupo social (JACKS & SILVA, 2009).

 No que se refere ao debate antropológico, apesar de existente, incipientes também são os trabalhos que tratam a telenovela por esse viés. Normalmente partindo de pesquisas de recepção que encontram no modelo das mediações seu arquétipo teórico-metodológico mais adotado (JACKS & SILVA, 2009), ainda é um desafio pensar acerca das potencialidades que novos debates antropológicos podem oferecer para a pesquisa sobre os meios de comunicação.

 Assim sendo, tendo em vista as limitações teóricas e dificuldades metodológicas encontradas na área da pesquisa em Comunicação – e cientes da necessidade de apropriação de outros campos de estudos, como a Antropologia, bem como da maior exploração e tratamento de temas – esta pesquisa ganha relevância na medida em que configura um projeto, até o momento inédito[[9]](#footnote-10), que procura contribuir para o desenvolvimento de um campo rico em potencialidades (SODRÉ, 2014), porém ainda muito poroso e fragmentado (JACKS, 2008).

 Desta feita, uma vez detectada a fragilidade de muitas pesquisas realizadas no âmbito da Comunicação – muitas vezes incipientes em suas definições metodológicas ou mesmo no diálogo com mais pesquisas (SODRÉ, 2014) – o trabalho se justifica, ainda, na medida em que também fomenta uma pesquisa mais ampla dos meios, justamente por considerar o fenômeno comunicacional como um campo interdisciplinar e transdisciplinar por excelência.

 Nessa esteira, visando contribuir para um maior diálogo entre a Comunicação e a Antropologia – e com o olhar voltado para a consolidação de uma pesquisa em Comunicação que tenha como foco uma maior conexão entre linhas de pesquisa (SODRÉ, 2014) – nosso grande desafio será tentar entender como – em termos de metodologia e epistemologia– o fazer antropológico poderá contribuir para a construção de novos olhares para o campo, especialmente quando ele é a própria novela[[10]](#footnote-11).

**Quadro Teórico de Referência**

Falar em telenovela brasileira em termos acadêmicos é, sem dúvida, uma tarefa complexa, haja vista a quantidade de Universidades e linhas de pesquisa que desenvolvem trabalhos relativos ao tema. Assim sendo, cientes de que a produção científica obedece a um ritmo cada vez mais acelerado, em função da emergência de novas demandas sociais (MALCHER, 2002), buscaremos trazer aqui o esboço de um quadro mais geral do que seja a pesquisa em telenovela.

Até onde se sabe, o primeiro registro brasileiro sobre o tema data da década de 1970 (MALCHER, 2002). A partir de então começam a surgir outras pesquisas e Instituições que passam a eleger a telenovela como objeto de estudo. Inicialmente com um volume tímido de bibliografias entre os anos 1970 e 1980, a produção dá um salto nos dois períodos seguintes, ao passar de 28 para 98 trabalhos. Segundo dados levantados pela autora, foram encontrados 126 no total, compreendidos entre os anos de 1970 a 2000, sendo que o aumento na produção acadêmica acontece principalmente a partir dos anos 1990, quando, então, começam a aparecer mais estudos voltados à recepção[[11]](#footnote-12). No entendimento da estudiosa, contudo:

Apesar da diversificação de temas é necessário ressaltar que apesar das categorias não serem excludentes e tão pouco conclusivas, dos 126[[12]](#footnote-13) trabalhos identificados no levantamento, boa parte volta-se para os estudos de recepção e cotidiano e cultura. Percebe-se um distanciamento considerável dos demais temas (MALCHER, 2002, p.44).

Nesse ponto, com ênfase na importância da exploração e diversificação de temas – tendo em vista as inúmeras possibilidades que esse objeto de estudo propicia[[13]](#footnote-14) – Malcher (2002) aponta, entre outras possibilidades, para estudos que possibilitem novas descobertas a partir dos elementos que a constitui como produto.

No tocante aos temas estudados, Lopes (2003) afirma que as principais tendências dos estudos sobre telenovela são análise do discurso (abordagem semiótica, estética, intertextualidade e dramaturgia), estudos de recepção (abordagem sociológica, etnográfica) e estudos de produção (som e autores, por exemplo).

Sob essa ótica, voltado a ser uma proposta teórico-metodológica para estudos que busquem trabalhar com a telenovela enquanto objeto de estudo, nosso grande diferencial dentro do que vem sendo produzido sobre o tema será buscar um novo vigor para a pesquisa sobre os meios, dentro de um contexto em que os estudos de recepção adquirem cada vez mais espaço[[14]](#footnote-15).

Tecidas as considerações supra, com o escopo de ter-se uma visão geral do estudo proposto, passemos agora às nossas referências bibliográficas fundamentais. E, para começar, nada como introduzir nosso leitor ao objeto da pesquisa: a telenovela. Afinal, qual seria a importância de desenvolver uma tese que busque pensar uma metodologia específica para o estudo desse produto? Que relevância há em um trabalho que se preocupe em refletir a teleficção em termos acadêmicos?

 Nessa perspectiva, cientes de que propor um método-pensamento para a análise da telenovela sem discutir suas particularidades e sua importância dentro do contexto latino-americano seria algo que descontextualizaria a dimensão simbólica e material que o formato atinge (LOPES, 2002), procuraremos pincelar a origem e as principais características deste fenômeno televisivo, cuja gênese se encontra nas narrativas de folhetim dos jornais franceses (TONON, 2006). Para tanto, autores como Martín-Barbero, German Rey, Marlyse Meyer, Renato Ortiz et al., Maria ImmacolataVassallo de Lopes e Esther Hamburger nos servirão de base para pensarmos essa questão.

Martín-Barbero & Rey (2001), por exemplo, considerando a importância do gênero para o entendimento da massificação cultural, destacam como a telenovela marcou a transição do conservadorismo estético das elites, presentes no teleteatro dos anos 1950, à representação do protagonismo cultural da classe média e dos novos habitantes urbanos nos anos 1960. O novo produto, genuinamente pensado para o consumo da massa, permitiu tanto a divulgação de manifestações artísticas antes fechadas a públicos minoritários como a validação de expressões culturais e maneiras de viver até então excluídas dos padrões propostos pela escola, família e Igreja.

Desta forma, os autores acreditam que “a televisão constitui um âmbito decisivo do reconhecimento sociocultural, do desfazer-se e do refazer-se das identidades coletivas” (MARTÍN-BARBERO & REY, 2001, p. 114), sendo a melhor demonstração entre as lógicas de globalização e as dinâmicas culturais a telenovela latino-americana, porquanto o gênero catalisa o desenvolvimento da indústria audiovisual da América Latina com “as velharias e anacronismos, que fazem parte da vida cultural desses povos” (MARTÍN-BARBERO & REY, 2001, p. 115).

Corroborando o exposto, Malcher (2010) ressalta que, por criar um grande envolvimento psicológico e emocional com o telespectador, a ficção acaba, muitas vezes, se confundindo com o próprio sentido da realidade. Destarte, a autora acredita que as mídias, cada vez mais incorporadas ao dia-a-dia, tornam-se parte integrante de todas as dimensões da vida em sociedade, de tal forma que já não é possível desgarrar nosso cotidiano do conteúdo dos meios. “Essas mediações estão presentes em todos os momentos da vida privada, quase imperceptíveis, fazem parte do todo social. Por mais que seja o distanciamento permitido, escolhido ou imposto, não há como se isentar de seus apelos” (MALCHER, 2010, p. 5).

Uma vez contextualizado nosso objeto – e tendo em vista que o foco da nossa pesquisa é desenvolver, a partir de um olhar antropológico, um guia teórico-metodológico capaz de pensar a novela como campo – mister se faz, já no início, estabelecermos a relação entre a Antropologia e seus emergentes estudos sobre mídia, bem como o modo como ela vem pensando os meios de comunicação em termos de uma perspectiva social.

Nesse sentido, o livro *Media Worlds – Antropology on New Terrain –* que é uma coletânea de artigos escritos por antropólogos que encontram nas mídias um novo lugar para trabalhar (GINSBURG et al., 2002) – torna-se uma referência obrigatória, porquanto nos oferece um panorama amplo sobre o leque de possibilidades de exploração de significados analíticos e práticos das diferentes mídias para a vida cotidiana, além de nos apresentar o lugar da Antropologia dentro dos estudos de mídia.

É sabido que os meios de comunicação de massa foram vistos, por muito tempo, como um tabu para a Antropologia, a qual, em sua identificação com a tradição, não ocidental, e com a vitalidade do local, acabou por retardar o estudo das mídias enquanto prática social, que só veio a se concretizar no final dos anos 1980 (GINSBURG et al., 2002). Na tentativa de reverter esse panorama acadêmico, o livro explora as dinâmicas de todos os processos sociais midiáticos, além de trazer uma ampla discussão metodológica, com diversos legados intelectuais para o estudo antropológico das mídias.

Assim sendo, considerando a mídia a partir de uma perspectiva social, os autores desse volume trazem reflexões voltadas para os complexos modos com os quais cinemas nacionais, televisão, rádio e propaganda operam em todas as suas etapas – produção, distribuição e consumo (GINSBURG et al., 2002). Nesse caminho, incluindo em seus estudos diferentes mediações, como *soap operas* populares, telenovelas e séries melodramáticas, os diversos autores do livro pautam suas análises a partir do reconhecimento do significado sociocultural que filmes, televisão, vídeo e rádio desempenham na vida cotidiana de grande parte do mundo e, por isso, buscam trazer diferentes contribuições teóricas e metodológicas para o estudo desse fenômeno.

Do mesmo modo, outro livro de fundamental importância para a pesquisa é *Antropologia das sociedades contemporâneas - Métodos.* Organizado por Bela Feldman-Bianco, a ontologia – que traz textos de renomados nomes da Antropologia inglesa, como Max Gluckman, J. Clyde Mitchell e Adrian Mayer – visa oferecer abordagens antropológicas para investigações que tenham problemas pertinentes às sociedades modernas (FELDMAN-BIANCO, 1987). Assim sendo, com o foco a servir como reflexões metodológicas para estudantes de diversas disciplinas, a obra oferece interessantes questões para pensarmos a telenovela como campo, como melhor delimitaremos na próxima seção deste projeto.

Além desses dois livros, os trabalhos de Andrade (2010), Travancas (2006, 2008) e Mateus (2015) também serão de grande ajuda para pensarmos sobre o que vem sendo produzido no âmbito da Antropologia da Mídia mais recentemente a nível de Brasil e também de Portugal. Já o trabalho de Fraya Frehse (2005) sobre a construção do campo etnográfico quando ele é o arquivo nos servirá de inspiração para a construção de nosso campo-novela, assim como o livro *A Ciência do Comum – notas para o método comunicacional*, de Muniz Sodré também irá endossar nosso quadro reflexivo acerca da pesquisa em Comunicação, principalmente no que se refere às potencialidades do maior diálogo com a Antropologia.

**4. Objetivos**

**Gerais:**

**-** Desenvolver um guia teórico-metodológico que seja capaz de pensar a novela – enquanto produto audiovisual acabado – como campo de observação etnográfica (teórico);

**-** Apontar possíveis novos caminhos para o estudo em telenovela, sempre com o foco a contribuir para o desenvolvimento da pesquisa em Comunicação e, mais especificamente, em teleficção (prático).

**Específicos:**

**-** Contextualizar o lugar da pesquisa dentro dos estudos em Comunicação;

**-** Explorar potencialidades outras que um estudo sobre os meios pode oferecer;

**-** Estabelecer um maior diálogo entre a Comunicação e a Antropologia;

**-** Compreender em que medida a Antropologia pode vir a ajudar a fomentar o debate metodológico da Comunicação, especialmente quando o campo é novela;

**-** Fundamentar meu objeto de estudo de tal forma a tornar possível construí-lo teoricamente como campo de observação etnográfica.

**5. Procedimentos metodológicos**

Desde que me propus a pensar a telenovela como campo, algumas questões se colocaram diante de mim: se a novela, enquanto produto já acabado, pode ser vista como campo de observação etnográfica, como seria possível adentrá-lo? Como se daria meu relacionamento com meus informantes? Como os trataria na pesquisa? E qual a visão de campo carregaria comigo? A qual vertente antropológica me filiaria? E foi justamente na medida em que me deixei “imergir” em diferentes teorias e vertentes antropológicas que essas respostas – ainda em fase de construção – foram, aos poucos, aparecendo.

Uma vez que o objetivo maior desse projeto gira em torno da construção de um guia teórico-metodológico capaz de trabalhar a novela como campo de observação etnográfica, o presente trabalho lança mão da metodologia qualitativa de pesquisa baseada no levantamento bibliográfico, bem como na análise sistemática e formal de uma obra – ainda a ser escolhida[[15]](#footnote-16) – como forma de demonstrar, na prática, as potencialidades que a proposta desenvolvida possibilita em termos de estudo em ficção.

Trata-se, portanto, de uma questão de cunho teórico-metodológico, a qual pretendemos abordar a partir de uma perspectiva antropológica/epistemológica. Assim, se quisermos entender como a Antropologia pode nos ajudar a lançar novos olhares para a pesquisa em Comunicação, é preciso – antes – termos em mente quais as potencialidades que uma análise etnográfica pode trazer para o estudo em Comunicação, e mais especificamente em teleficção.

Sabemos que a pesquisa etnográfica[[16]](#footnote-17) como ferramenta antropológica tem sido de grande importância para o desenvolvimento de estudos de vários fenômenos sociais, não apenas no âmbito da Antropologia, como também no de outras ciências humanas e sociais (MATEUS, 2015). Afinal, uma das características fundamentais da etnografia é, segundo o autor, justamente sua versatilidade metodológica.

No que se refere exclusivamente ao campo da Comunicação, Mateus (2015) destaca que a etnografia da mídia condensa um vasto programa de pesquisas sobre a relação entre linguagem e sociedade, que consiste em um estudo monográfico desenvolvido por alguém que se propôs a observar – de forma participante – descrever, anotar e até examinar um objeto empírico ou comunidade comunicativa. Mas como esse método, já utilizado em algumas pesquisas de recepção de telenovelas, poderá ser aplicado em um campo audiovisual, incapaz de ser fisicamente adentrado?

Uma boa pista para iniciarmos a construção de nosso campo é o trabalho de Fraya Frehse (2005). Buscando refletir sobre o uso de fontes arquivísticas na pesquisa antropológica, a autora parte do pressuposto de que – assim como as etnografias realizadas a partir das interações face a face dos antropólogos com aqueles que ele investiga no chamado “presente etnográfico” possuem seus célebres personagens – os arquivos possuem seus próprios informantes.

 Aproximando, pois, sua abordagem do trabalho antropológico, Frehse (2005) logo esclarece que, embora sem participar fisicamente, tal como acontece em uma pesquisa etnográfica tradicional, o pesquisador observa, lança mão de sua visão, contempla imagens, lê textos e, enfim, inquire acerca da materialidade da documentação e do seu conteúdo. Desta feita, aponta a autora, torna-se imprescindível que o pesquisador identifique ou “construa” seus informantes por meio da teoria, já que eles não são acessíveis.

Pensar, nesses termos, a telenovela como campo etnográfico é entendê-la dentro de suas particularidades. Assim, a possibilidade de distinguir analiticamente nossos informantes é, de cara, um ganho[[17]](#footnote-18), justamente porque nossa imersão se dá tal forma que é possível ao pesquisador ter uma visão panorâmica da dinâmica social analisada. Sendo os personagens muitos e diferentes – porém estando todos envolvidos dentro de uma narrativa que se comunica e se articula em seus diferentes núcleos – o acesso às suas interações e mentes nos permite descortinar o contexto histórico, social e político em que a obra se insere[[18]](#footnote-19).

Nesse processo de construção de campo, é válido, pois, não perdermos de vista a importância dos informantes que as cenas nos revelam. Dessa forma, tomando-os como um testemunho localizado no tempo e no espaço, dotado de uma inserção específica na realidade social a ser estudada (FREHSE, 2005), consideramos que todo testemunho apresentado na obra deve ser avaliado a partir de uma perspectiva crítica[[19]](#footnote-20), a fim de que se possa compreender o que aquele informante pode ou não revelar acerca da realidade social apresentada na trama.

Se, então, Evans-Pritchard via da porta de sua barraca o que acontecia na aldeia durante todo o tempo em que passava com os nuer, e se, mais recentemente, os antropólogos urbanos contemplam da janela de seu apartamento parte do espetáculo da vida social (MAGNANI, 1996), o desafio para quando o campo é a novela é justamente entender como parte da complexidade da tessitura social brasileira pode ser percebida e analisada a partir da solitária relação entre o pesquisador e seu meio[[20]](#footnote-21) – seja ele uma televisão, um *notebook* ou um *tablet*.

Já sob uma perspectiva analítica, acreditamos que a Escola de Manchester oferece um panorama interessante para nossa “imersão” em campo, na medida em que – ao trazer para dentro de suas reflexões questões relativas às sociedades contemporâneas – a vertente nos permitirá configurar o estudo de caso de uma novela como campo profícuo para a apreensão de processos, ações e sequências de desenvolvimento social, justamente por privilegiar as interpretações do pesquisador[[21]](#footnote-22).

Como se sabe, a Escola de Manchester tornou-se um importante centro de pesquisa sobre mudanças sociais[[22]](#footnote-23), e também uma referência em termos de métodos de pesquisa (FELDMAN-BIANCO, 1987). Sob direção de Max Gluckman, a Escola – que tem como foco a análise de problemas relativos ao conflito de normas e à manipulação de regras[[23]](#footnote-24) – traz como proposta uma visão menos cosmopolita da Antropologia, justamente por considerar que a especificidade da disciplina reside no estudo microscópico de interstícios sociais e relações interpessoais.

Nesse sentido, apoiadas numa tendência contemporânea que enxerga a Antropologia como uma micro-sociologia, cujo diferencial reside no estudo minucioso de um micro-universo, utilizaremos o paradigma da Teoria da Ação como base para pensarmos nossa imersão. Afinal, cientes de que – assim como a vertente latino-americana dos estudos culturais – essa teoria leva em consideração aquilo que as pessoas fazem em detrimento ao que dizem, buscaremos observar o comportamento concreto de nossos informantes[[24]](#footnote-25), de modo que seja possível captar o conflito, a contradição, a variação e o fluxo social invisíveis a um primeiro olhar.

Além disso, tendo em vista nosso pressuposto de que – inserida dentro de um contexto social, as telenovelas também acompanham as complexas e mutáveis dinâmicas vivenciadas pela sociedade (MALCHER, 2002) – a ênfase na Teoria da Ação nos ajudará a desenvolver uma metodologia de análise capaz de integrar história e dados documentais dentro de um estudo antropológico dos processos sociais vivenciados na obra que leve em consideração a perspectiva processual e histórica da inserção da novela num contexto mais amplo da sociedade brasileira[[25]](#footnote-26).

**6. Considerações Finais**

Muitos são os estudos sobre telenovela que vêm sendo desenvolvidos no Brasil no âmbito da pesquisa em Comunicação, porém poucos têm fôlego para realmente propor uma metodologia de estudos para o tema. Dessa forma, visando desenvolver um trabalho crítico dos meios – que, ao mesmo tempo em que propõe um novo modo de se pensar a novela como produto, também procura entender o processo comunicacional a partir de seu todo – este projeto teve como uma de suas preocupações o estabelecimento de um diálogo entre a Comunicação e a Antropologia que permitisse contemplar – não necessariamente apenas um estudo de recepção, como já vem sendo feito por alguns pesquisadores – mas também uma etnografia do “do conteúdo”.

Partindo do pressuposto de que o fenômeno comunicacional é, por si só, inter e transdisciplinar por excelência, buscamos explorar, ao longo dessa pesquisa ainda em processo de amadurecimento, algumas pistas que nos ajudassem a construir teoricamente a telenovela como campo de observação etnográfica, haja vista nossa hipótese de que um olhar para os meios também pode nos trazer interessantes questões para análise.

Destarte, encontrando no quadro conceitual e metodologicamente largo da Antropologia uma possibilidade para se desenhar uma Ciência da Comunicação (SODRÉ, 2014), tivemos como desafio inicial propor uma metodologia que fosse capaz de integrar novela e sociedade, história e contexto social, emissão e recepção e, com isso, captar o conflito, as contradições e as mudanças.

Nesse curto, mas excitante percurso, algumas de nossas principais referências bibliográficas foram apresentadas, nosso método foi esboçado, assim como nossos pressupostos, objetivos e justificativa de pesquisa. Dado o exposto, fica aqui registrado nosso esforço inicial em desenvolver um pensamento capaz de trabalhar a novela como campo de observação etnográfica. Sabemos que, entre todo o coletado e aquilo que ainda podemos vir a descobrir, há uma distância muito grande. Ainda assim, a vontade de desenvolver um guia teórico- metodológico capaz de contribuir para a pesquisa em Comunicação é o que norteia este trabalho.

**7. Sumário de Pesquisa**

**Introdução:** I

**Capítulo I – Entre campos e questões: Algumas considerações iniciais**

* 1. Telenovela Brasileira: Um breve panorama I

1.1.1 – A telenovela enquanto formato televisivo I

1.1.2 – Telenovela e estudos acadêmicos I

1.2 – Adentrando o campo: Algumas questões antropológicas iniciais I

1.2.1 – A Antropologia com foco nos *media* I

1.2.2 – Aproximações e diálogos entre a Comunicação e a Antropologia I

**Capitulo II – Quando o campo é a novela: Uma proposta antropológica para se pensar a ficção**

2.1 – Construindo (teoricamente) um campo I

2.1.1 – A novela como campo: Algumas considerações provisórias I

2.1.2 – Os informantes que as cenas revelam I

2.1.3 – Potencialidades e limites de um campo fictício I

2.2 – A Escola de Manchester e seu olhar antropológico I

2.2.1 – Entre autores e metodologias: A Teoria da Ação I

2.2.2– Aproximações entre a Teoria da Ação e os Estudos Culturais I

**Capítulo III – Luz, câmera, ação: A teoria na prática**

4.1 – Teoria da Ação e Ação na Teoria: desafios metodológicos I

4.1.1 – O pesquisador, o campo e a pesquisa I

4.1.2 – O trabalho de campo e a imersão na obra I

4.1.3 – Lidando com as diferenças e integrando perspectivas: Uma inspiração a partir de Max Gluckman I

4.1.3 – Para além do campo: História, contexto e dinâmica social I

4.2 – Da teoria para a prática: uma experiência antropológica I

4.2.1 – Etnografando a ficção I

**Considerações Finais** I

**Referências Bibliográficas** I

**8. Referências Bibliográficas**

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas:* Reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Schwarcz Ltda, 2009 [1983].

ANDRADE, Danúbia. Etnografia da Mídia: um método-pensamento para a análise de recepção. *Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos,* vol.12, n.3, 2010, pp.193-199. Disponível em <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:yvYyqr2xGqsJ:revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/4682/1904+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em 10/08/2017.

BECKER, Howard. Observação social e estudo de casos sociais*. In: Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais***.** Capítulo 5. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.

FELDMAN-BIANCO, Bela. “Prefácio à 2ª edição” e “Introdução”. *In: Antropologia das sociedades contemporâneas:* Métodos*.* São Paulo, Unesp, 1987.

FREHSE, Fraya. “Os informantes que jornais e fotografias revelam: para uma etnografia da civilidade nas ruas do passado”. *RevistaEstudosHistóricos*, 2, jan.2006, pp.131-156.

GINGSBURG, Faye et al. *Media Worlds:* Anthropology on new terrain. California: University of California Press, 2002.

GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In: *Bela Feldman-Bianco (ed). Antropologia das sociedades contemporâneas*: métodos. São Paulo: Unesp, 1987.

HALL, Stuart. A ideologia e a teoria da comunicação. *Revista Matrizes,* v.10, n.3, 2016a, pp.33-46. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/matrizes>. Acesso em 10/08/2017.

JACKS, Nilda. “Repensando os estudos de recepção: dois mapas para orientar o debate”. *Ilha Revista de Antropologia*. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.* Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, v. 10, n. 2, 2008, pp. 17-35.

JACKS, Nilda; MENEZES, Daiane Boelhouwer. “Estudos de recepção e identidade cultural: abordagens brasileiras na década de 90”. *Revista Latinoamericana de Ciencias de laComunicación,* n. 5, 2006, pp. 164-175.

JACKS, Nilda; SILVA, Lourdes Ana Pereira. *Novas implicações nos estudos de recepção de telenovela* (12 p.). Artigo publicado como paper digital para o XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Curitiba - PR).Intercom, 2009.

LOPES, Maria ImmacolataVassallo de. *Narrativas televisivas e identidade nacional*: o caso da telenovela brasileira. Artigo publicado como paper digital para o XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Salvador – BA). Intercom, 2002. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/dee0dd0cbfe2629590b91abca6e57973.pdf>. Acesso em 22/08/2013.

MAGNANI, José Guilherme. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: Magnani, José Guilherme C. & Torres, Lilian de Lucca (Orgs). Na Metrópole – Textos de Antropologia Urbana. EDUSP, São Paulo, 1996.

MALCHER, M.A. *Teledramaturgia –* agente estratégico na construção da TV aberta brasileira.São Paulo: INTERCOM, 2010. MALCHER, Maria Ataíde. Telenovela: Um olhar sobre a produção acadêmica. *Revista Novos Olhares,* n.10, 2002, pp.42-49.

MARTÍN-BARBERO, J. ; REY, G. *Os exercícios do ver:* hegemonia audiovisual e ficção televisiva. Tradução Jacob Gorender. São Paulo: Ed.Senac, 2001.

MATEUS, Samuel. A Etnografia da Comunicação. *Revista Antropológicas,* n.13, 2015, pp.84-89. Disponível em <http://revistas.rcaap.pt/antropologicas/article/view/2341>. Acesso em 09/08/2017.

MEYER, Marlyse. Folhetim – uma história. São Paulo, Cia. das Letras, 1996 MEYER, Marlyse. Folhetim – uma história. São Paulo, Cia. das Letras, 1996

ORTIZ, Renato, BORELLI, Silvia H.Simões, RAMOS, José Mário Ortiz. Telenovela – história e produção, São Paulo.Brasiliense, 1989.

SANTOS, Andreza Patricia Almeida dos. *A telenovela e o público masculino na UFRRJ,* Seropédica: UFRRJ, 2014. Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social.

SANTOS, Andreza Patricia Almeida dos. *Quando a Baixada também é Brasil:* Um estudo de caso da Baixada imaginada em Senhora do Destino. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2017 (Dissertação de Mestrado).

SODRÉ, Muniz. *A Ciência do Comum.* Notas para o método comunicacional. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014.

SOVIK, Liv et al. Stuart Hall e os estudos da comunicação no Brasil. *Revista Matrizes,* v.10, n.3, 2016, pp.15-29. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/matrizes>. Acesso em 10/08/2017.

TONON, Roseana B.. Recepção de Telenovelas: “Identidade e Representação da Homossexualidade.Um estudo de caso da novela "Mulheres Apaixonadas"”.  *Revista* ***Comunicação e Informação***. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação.* Goiás: Universidade Federal de Goiás, v. 9, n. 1, jan/jun. de 2006, pp.30-41. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/10881/7271>. Acesso em: 28/04/2014.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: BARROS, A. & DUARTE, J. (orgs), *Métodos e técnicas da pesquisa em comunicação.* São Paulo: Atlas, 2006, pp.98-109.

TRAVANCAS, Isabel. *Por uma antropologia da mídia.* Artigo publicado como paper digital para o IX Congreso Argentino de Antropología Social (Posadas, Argentina), 2008. Disponível em <http://cdsa.aacademica.org/000-080/48.pdf>. Acesso em 09/08/2017.

TRAVANCAS, Isabel; NOGUEIRA, Silvia. A comunicação de massa no campo da antropologia. In: *Antropologia da comunicação de massa* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2016, pp.9-25. Disponível em <http://books.scielo.org/id/fyks3/pdf/travancas-9788578793326-01.pdf>. Acesso em 09/08/2017.

**9- Cronograma das Atividades de Pesquisa**

|  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| **ATIVIDADES** | **2018-I** | **2018-II** | **2019-I** | **2019-II** | **2020-I** | **2020-II** | **2021-I** | **2021-II** |
| Cumprimento de créditos por meio de disciplinas | **X** | **X** |  |  |  |  |  |  |
| Revisão do projeto  | **X** |  |  |  |  |  |  |  |
| Participação em atividades e grupos de pesquisa do orientador | **X** | **X** | **X** | **X** | **X** | **X** | **X** | **X** |
| Revisão bibliográfica e discussão teórica em função dos objetivos | **X** | **X** | **X** | **X** |  |  |  |  |
| Coleta de dados e imersão na novela  |  |  |  | **X** | **X** |  |  |  |
| Redação do 1º capítulo (conceitual) |  |  | **X** | **X** |  |  |  |  |
| Qualificação da Tese |  |  | **X** |  |  |  |  |  |
| Publicação em periódicos científicos | **X** | **X** | **X** | **X** | **X** | **X** | **X** | **X** |
| Participação em congressos e em eventos diversos | **X** | **X** | **X** | **X** | **X** | **X** | **X** | **X** |
| Redação do segundo (problematizador) e do terceiro capítulo (análise de dados) |  |  |  |  | **X** | **X** | **X** |  |
| Abertura do processo de defesa (60 dias de antecedência) |  |  |  |  |  |  |  | **X** |
| Finalização da tese e entrega para os membros da banca (30 dias antes) |  |  |  |  |  |  |  | **X** |
| Defesa da Tese |  |  |  |  |  |  |  | **X** |

1. Autores como Martín-Barbero, Nilda Jacks, Ana Pereira Lourdes Silva, Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Maria Ataíde Malcher são exemplos de autores que consideram o formato para além de sua funcionalidade de difusão de conteúdos. [↑](#footnote-ref-2)
2. Para dúvidas sobre o assunto, ver, por exemplo, Jacks & Silva (2009). [↑](#footnote-ref-3)
3. Mais detalhes em: Jacks & Menezes (2006); Jacks (2008). [↑](#footnote-ref-4)
4. Em minha monografia para a conclusão do curso de Comunicação Social da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) desenvolvi uma pesquisa de recepção com o público masculino universitário. Já em meu mestrado em Ciências Sociais, também pela UFRRJ, abordei os modos como a Baixada Fluminense foi imaginada em *Senhora do Destino*, sempre no sentido a entender como a obra se articula com as modulações socioeconômicas vivenciadas no Brasil dos anos 2000. [↑](#footnote-ref-5)
5. Que, diga-se de passagem, tem como marca a ênfase em questões sensíveis à América Latina e ao cenário brasileiro. [↑](#footnote-ref-6)
6. No caso, Linha de Pesquisa 1 – Epistemologia, Teoria e Metodologia da Comunicação. [↑](#footnote-ref-7)
7. Afinal, assim como os pesquisadores do Programa, parto do pressuposto de que a comunicação não é apenas um aspecto da sociedade, mas faz parte da própria configuração do tecido social, o que a torna uma mediação central da existência contemporânea. [↑](#footnote-ref-8)
8. No caso de minha dissertação sobre *Senhora do Destino*, por exemplo – em que desenvolvi uma observação etnográfica de seu conteúdo – percebi que a apresentação de uma Baixada Fluminense híbrida, fluida e flexível como plano central de uma novela do horário nobre – que ora a encaminhava para uma representação hegemônica de pobreza, descaso e violência, e ora a apresentava em termos ideais de vida e consumo – acabava por alargar a ideia de Brasil para além dos limites Rio-Zona Sul; o que – de certa forma – refletia o momento em que o país vivenciava, muito em função das políticas embaladas pelo vigor do governo Lula. Mais detalhes em Santos (2017). [↑](#footnote-ref-9)
9. No que se refere à Antropologia da Mídia, Travancas (2008) mapeia que dentre os estudos etnográficos desenvolvidos no cenário brasileiro encontram-se pesquisas sobre a produção jornalística (ver TRAVANCAS, 2006); o meio publicitário (ver ROCHA, 1985), fã clubes virtuais (ver CORALIS, 2004), e recepção de telenovelas (LA PASTINA, 2005). Ainda não há um estudo voltado especificamente para a construção da novela como campo, muito embora, no âmbito da Comunicação, Andrade (2010) já tenha apresentado a Etnografia da Mídia como método pensamento para a análise de recepção. [↑](#footnote-ref-10)
10. Nesses termos, considerar a novela como campo é, pois, uma forma de pensá-la como parte do campo das estruturas e das práticas sociais. Desse modo, compartilhando com Hall (2016a) a ideia de que a comunicação não é uma disciplina autossuficiente – mas que, justamente por fazer parte do sistema social está ligada ao sucesso ou não das teorias sociais gerais – buscaremos aplicar a ela os mesmos métodos que a Antropologia – no caso, com ênfase em sua vertente inglesa – aplica para sua análise do tecido social. [↑](#footnote-ref-11)
11. Segundo Jacks & Menezes (2006), na década de 1990 foram realizadas 45 estudos de recepção, entre teses e dissertações, desenvolvidos nos 11 Programas de Pós-Graduação em Comunicação no Brasil. Já no tocante à década de 2000, Jacks & Wottrich (2016 *apud* SOVIK et al., 2016) mapeam 209 trabalhos que tratam sobre processos e práticas de recepção. [↑](#footnote-ref-12)
12. Destes, 35 deles voltam-se para estudos de recepção, e 32 para assuntos sobre cotidiano e cultura. No total, essas duas categorias somam 53,17% das pesquisas realizadas no âmbito da pesquisa em telenovela. [↑](#footnote-ref-13)
13. Afinal, apesar do crescente desenvolvimento de pesquisas sobre o assunto, é válido termos em mente que o esgotamento de possibilidades de investigação não se deu e provavelmente não se dará, tendo em vista que – como bem ressaltou a autora – “como produto cultural inserido no campo da comunicação a telenovela e os demais produtos da ficção televisiva acompanham a dinâmica da sociedade e por ser dinâmica é também complexa e mutável” (MALCHER, 2002, p.48). [↑](#footnote-ref-14)
14. O que de forma alguma anula a importância de pesquisas que explorem os usos que as pessoas fazem dos conteúdos ofertados. [↑](#footnote-ref-15)
15. A proposta pela análise de uma única novela se dá em função de algumas questões de ordem prática – tais como a quantidade de capítulos que uma obra possui, o prazo de 48 meses para conclusão da pesquisa, o risco de fazer uma análise superficial que não justifique o esforço antropológico, e também a dificuldade em ter acesso a todo material audiovisual. Já no tocante à escolha da obra, acredito que o desenrolar da pesquisa e as futuras orientações irão – gradativamente – apontando para o caminho a ser trilhado. [↑](#footnote-ref-16)
16. Por etnografia compreendemos um método de pesquisa qualitativa e empírica que exige o “mergulho” do pesquisador em um determinado grupo (TRAVANCAS, 2006), dando-lhe acesso a uma ampla gama de dados, “inclusive os tipos de dados cuja existência o investigador pode não ter previsto no momento em que começou a estudar” (BECKER, 1997, p.118). [↑](#footnote-ref-17)
17. A possibilidade de poder ver e rever as cenas também é outro ganho que esse campo propicia. [↑](#footnote-ref-18)
18. Daí a importância de se conjugar teoria e análise para a realização de um bom trabalho de campo (TRAVANCAS & NOGUEIRA, 2016). [↑](#footnote-ref-19)
19. Aqui é válido considerarmos a reflexão antropológica pós-moderna que considera que o informante não é nem o mediador que oferece o acesso imediato ao todo cultural pesquisado, nem o mediador desprezível, a ponto de poder ser considerado secundário frente à experiência do antropólogo (FREHSE, 2005). [↑](#footnote-ref-20)
20. Seja como for – na aldeia ou na metrópole; da janela do apartamento ou pela TV em frente à sala – compartilhamos com Magnani (1996) a ideia de que o indispensável é o caráter relativizador que a presença do “outro” possibilita, “essa imagem de si refletida no outro que orienta e conduz o olhar em busca de significados ali, onde à primeira vista, a visão desatenta ou preconceituosa só enxerga o exotismo, quando não o perigo, a anormalidade” (MAGNANI, 1996, p.5). [↑](#footnote-ref-21)
21. Nesse sentido, ao dar ênfase à análise da razão prática, esse paradigma antropológico favorece que o pesquisador possa – para além de uma pura descrição fílmica ou uma análise das representações – perceber e interpretar aquilo que está além do que as imagens e as falas ou atos dos personagens podem transparecer, tais como contexto de produção, as marcas de seu autor e também os diálogos estabelecidos com a audiência, etc. [↑](#footnote-ref-22)
22. Isso porque transformações sociais aceleradas – como crescente migração do campo para a cidade ou a emergência de novas nações na era pós-colonial – despertaram o interesse de alguns antropólogos em estudar de forma sistemática situações urbanas, bem como articulações entre vila, cidade e nação. [↑](#footnote-ref-23)
23. Apesar de ainda manter o foco na estrutural social (regras, organizações, posições, grupos), acreditamos que essa vertente da Antropologia britânica dá um passo a mais em relação à vertente mais tradicional, na medida em que – voltada para questões urbanas, como transformações sociais, migração campo/cidade – ela permite captar variações, contradições e fluxos sociais. Dessa forma, a antiga pergunta antropológica britânica sobre como a sociedade se mantém dá, pois, lugar à indagação de “como a sociedade se transforma?”. [↑](#footnote-ref-24)
24. Um ponto que considero importante nesta perspectiva da Teoria da Ação é o fato de que, na tentativa de integrar indivíduos e estrutura social, o que entra em questão é o caráter ativo dos atores sociais que, longe de serem robôs sem face, escolhem suas próprias táticas e têm, cada um, uma personalidade e uma intenção (FELDMAN-BIANCO, 1987). [↑](#footnote-ref-25)
25. Aqui, aliás, o trabalho de Max Gluckman (1987) sobre a Zululândia moderna é, certamente, uma fonte de inspiração. Afinal, se Gluckman encontrou na análise de uma série de eventos complexos – principalmente relacionados à cerimônia de inauguração de uma ponte – um meio de se pensar a relação entre brancos e zulus dentro de um mesmo sistema social; assim também é possível perceber – na apresentação de uma novela que é dividida em diferentes núcleos – um modo de integração de uma nação imaginada brasileira (ANDERSON 2009). [↑](#footnote-ref-26)